

Santiago do Cacém: Clínica oferece tratamento alternativo a jovem a quem foi diagnosticado "défice cognitivo"

"Como mãe, estou sempre à espera de mais"

Ricardo tinha dois anos quando lhe foi diagnosticado, após avaliação neurológica, um "défice cognitivo", algo muito vago, com consequências em graus diferentes em cada pessoa, para o que não há propriamente uma "cura". A notícia deixou devastados os pais.

Ângela Nobre

Dulce Gonçalves, que entretanto se separou do marido, tem enfrentado praticamente sozinha todas as adversidades que têm surgido para conseguir garantir ao filho, hoje com 8 anos, mas com "mentalidade de uma criança de 4", as melhores condições possíveis para que evolua e melhore. Além de ser acompanhado por um neurologista, hoje Ricardo tem sessões semanais de terapia ocupacional e da fala e também de fisioterapia. Na escola está integrado numa turma no ensino básico, contando com quatro horas por semana de aula com uma professora de apoio. "Não lê e decora as palavras", explica a mãe.

Constantemente preocupada com o que poderá fazer mais pelo filho, Dulce procurou saber mais sobre a medicina oriental, mais especificamente a acupuntura, de que muito bem tinha ouvido falar em casos semelhantes ao do seu filho.

"O Ricardo tem um atraso global de desenvolvimento a nível cognitivo, mas isso é muito vasto, não sabemos bem o que fazer, pensamos como será o futuro e no que ele conseguirá ou não fazer", desabafa, revelando o que a levou a experimentar um novo tratamento.

"O Ricardo já é seguido [na medicina convencional], mas

como mãe estou sempre à espera de mais alguma coisa", considera. "Sentarmo-nos e acomodarmo-nos à situação se calhar não é a coisa mais correta", acrescenta.

Decidida, procurou saber mais sobre a medicina oriental, através Policlínica de Santiago que passou a disponibilizar esse tipo de terapêutica.

"O que me disseram é que na China realmente a recuperação, quando começam [a terapia] de pequeninos, chega a ser de 90%. O Ricardo já tem 8 anos, está quase nos 9, vai fazer em Abril. Também sabemos que milagres não os fazemos, ainda por cima com os problemas que o Ricardo tem, mas acho que mal não faz de ir à procura de mais alternativas", argumenta a mãe.

Perante dificuldades, clínica ofereceu um ano de terapia

Cabeleireira e empregada de limpeza, Dulce tem dificuldade em conseguir assegurar as centenas de euros a que o habitual acompanhamento e terapias do filho já obrigam, entre deslocações a Lisboa, terapias e medicação. Feitas as contas, não seria possível cumprir mais pagamentos.

Sensível à situação, a proprietária da Policlínica de

Santiago, Filomena Cruz, com a colaboração de Carlos Loureiro, acupuntor, formado em medicina chinesa, optou por oferecer os tratamentos pelo período de um ano. "Temos que ser sensíveis a estas situações", defende Filomena Cruz.

Os eventuais efeitos da terapia, através de sessões de acupuntura a laser, que começou no início deste ano, são por enquanto uma incógnita. "O médico disse que por enquanto não me queria dar muitas esperanças e disse que falávamos daqui a um ano, porque são coisas muito demoradas", relata Dulce, conformada, mas com esperança de que haja uma evolução positiva em relação ao problema do filho.

O acupuntor, Carlos Loureiro, sem falar do caso concreto do Ricardo, explica que a terapia oriental "se baseia na procura do equilíbrio do organismo". Para este especialista, a "acupuntura pode ser uma terapia complementar à medicina convencional". Com especial procura na resolução de dores, depressões, ansiedade ou stress, a "medicina chinesa pode tratar tudo", defende Carlos Loureiro, embora, reconhece, seja "mais eficiente numas áreas do que noutras, assim como a ocidental".

A medicina chinesa é ainda encarada em Portugal, geralmente como "o último recurso", lamenta. Nos casos como o de Ricardo, em que se procura resolver ou reduzir "atrasos de desenvolvimento intelectual", a resposta "é interessante", mas "morosa".